

TECENDO REFLEXÕES SOBRE OS CONHECIMENTOS DAS CRIANÇAS EM RELAÇÃO A LÍNGUA ESCRITA

KÉSSYO GOMES DOS SANTOS

Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri - CE,
kessiodossantos12345@gmail.com;

THAIS GONÇALVES SILVA

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri- CE,
thais.goncalves@urca.br;

SAMUEL MORAIS SILVA

Mestre em Educação Brasileira (FACED/UFC), pela Universidade Federal do
Ceará - CE, samuelms1506@hotmail.com;

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho discorre experiências de três autores no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Regional do Cariri, do Curso de Pedagogia, campus pimenta sobre uma abordagem diagnóstica realizada com crianças do 2º ano dos Anos iniciais do Ensino Fundamental para identificar os níveis que se encontravam em relação ao processo de alfabetização.

Visto que, conforme Emília Ferreiro (2017) “A leitura e a escrita é uma construção individual, mais ela pode ser aberta para a interação com o meio dentro e fora da escola”. Isto é, compreende a aquisição da língua escrita como um caminho de recuos, de ressignificações e de socialização que nesse processo deve-se considerar os conhecimentos prévios, sua cultura, sua atuação e inserção no seu lugar.

As disciplinas de estágios que ocorrem nos cursos de graduação nem sempre são suficientes para a compreensão da realidade da atuação docente, seja pela sobrecarga das escolas, por não terem como receber os graduandos com a devida atenção pela dificuldade da Universidade em estabelecer relações entre o pensar e o fazer da realidade docente ou ainda pela sensação dos graduandos de não pertencimento àquela realidade (MACHADO; REGINATO, 2015).

Com a preocupação de aproximar teoria e prática na formação docente e melhorar a qualidade da formação inicial dos professores, foram criadas algumas ações e políticas no âmbito educacional, entre elas o Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência, que tem contribuído bastante na formação de professores.

Para início de conversa, situaremos e abordaremos sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) que foi criado pelo Ministério da Educação em 2007 e implementado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, com a finalidade de valorizar o magistério e apoiar estudantes de licenciatura das instituições federais e estaduais de Educação superior com a proposta de valorização da formação inicial dos futuros docentes, e com o objetivo de inserir os estudantes dentro da escola promovendo uma formação teórico-prática.

Nessa perspectiva, salientamos a participação no referido projeto e sua importância no des envolvimento em relação à formação docente e vivências reais, significativas e vivas do que é ser professor.

Assim, a pesquisa pretendeu-se relatar experiências de três autores sobre a atividade diagnóstica realizada com as crianças, como objetivos específicos, buscou-se identificar os níveis das crianças em relação à língua escrita, como analisar as dificuldades que as crianças tinham no quesito compreensão da escrita e leitura. Essa experiência aconteceu em uma escola da rede pública municipal da cidade do Crato, Ceará em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O subprojeto de Alfabetização do curso de Pedagogia Intitulado: Povos Cariris hoje e sempre, uma proposta interdisciplinar, do Curso de Pedagogia, campus Pimenta/URCA que conta com 20 bolsistas de iniciação a docência e dois supervisores de escola que desenvolvem suas ações específicas com alunos de duas escolas municipais de Crato, foi disposto ao Edital 04/2020 tendo como coordenadora de área a Prof.^a Dr.^a Edivone Meire Oliveira. E o nosso supervisor escolar sendo o professor Mestre Samuel de Moraes Silva.

Inicialmente, nos deparamos com o primeiro obstáculo: que foi em relação a pandemia do novo corona vírus, então todos estavam aflitos de como as coisas iriam acontecer, umas das dificuldades foi a questão do acesso a internet, tanto dos bolsistas, mas também dos alunos da rede municipal de Crato-ce, muitos não tinham aparelho celular disponível, por isso, nem todos tem a oportunidade de participar das aulas remotas, escancarando a desigualdade no Brasil.

Nossos primeiros encontros neste projeto teve: oficinas, estudos de textos como um texto de Emília Ferreiro sobre a alfabetização e escrita. Com isso nosso contato com os alunos do 2º ano “D”, ocorreu a partir do dia 01 de fevereiro que foi quando iniciaram as aulas no formato remoto, esse acesso foi possível através de grupo de WhatsApp em que estavam inseridos professores, pais dos alunos, bolsistas do PIBID e supervisor.

No primeiro dia de aula houve um momento que conseguimos ver e ouvir as crianças através de seus vídeos de apresentação. Uma das crianças relata que “gosta de brincar de barro e assistir”, outra criança destaca que “gosta de assistir e brincar”, isto nos esclarece que a imaginação, o brincar estão presentes nas vidas das crianças. Esse momento foi significativo para observar a desenvoltura dos alunos diante da tecnologia que estava sendo usada para facilitar o ensino, sabermos também a questão da oralidade.

No decorrer das atividades, percebemos algumas questões que eram monótonas e não buscava instigar a reflexão e interpretação crítica das crianças, mas ao mesmo tempo que citamos, deixamos claro que possivelmente foi o mais viável trabalhar com essas atividades e perguntas não reflexivas.

Visualizamos nas atividades, o trabalho com canções, porém letras de canções vazias e sem conexão, isto é, sem sentido algum para as crianças. Essa situação fez lembrarmos-nos do trecho tão conhecido: “Eva viu a uva” de (FREIRE, 1967).

Outras atividades, que as crianças podiam escrever o seu nome usando as cores que quisessem o modelo de lápis, pincéis de sua preferência. Diante disso, salientamos que as observações na perspectiva das crianças não foram possíveis, então até o momento não temos o feedback deles, não sabemos se estão conseguindo resolver as questões e quais são as possíveis dúvidas e dificuldades. O projeto ainda pretende trazer a cultura dos índios cariris, sua alimentação, brincadeiras indígenas, ervas medicinais, cultura afro, temas que aborda de onde viemos.

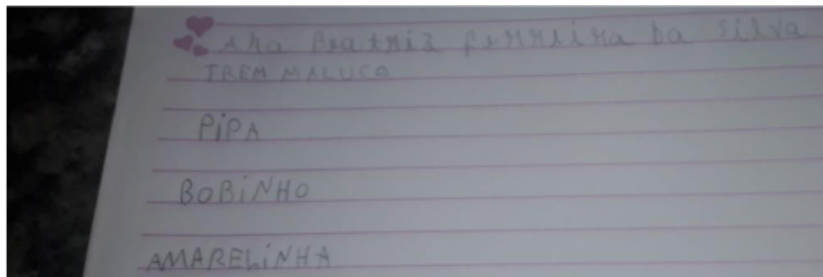
Para averiguar os níveis, criamos um diagnóstico próprio, diferente do utilizando e efetuado com as crianças, pois buscamos que as falas e escritas fossem espontâneas, sem sentirem pressionadas. No planejamento construímos uma proposta pautada nos vídeos de apresentação no início do ano letivo, levando em consideração o narrado pelos pequenos, pois a maioria relatou que gostavam de brincar, de assistir e de estudar. Nessa perspectiva, resolvemos construir nossa proposta alinhado com as falas infantis e gostos das crianças.

Nessa direção, pensamos em abordar brincadeiras. Os momentos foram pensados em acolhida de forma virtual, oportunizando espaços de interação, de diálogos e escutas para sabermos o nome, como estavam, o que mais gostavam. No segundo momento solicitamos que escrevessem da forma que soubesse o nome. No terceiro, apresentamos trechos de músicas relacionadas a cada brincadeira e teriam que identificar. Após identificar, mostraríamos as imagens correspondentes a cada brincadeira e solicitamos que escrevessem os nomes das brincadeiras.

Nossa primeira avaliação sobre o nível de escrita das crianças ocorreu no dia 05/04, no período da tarde, a primeira criança se chama Ana Beatriz, tem 7 anos e está no segundo ano do Ensino Fundamental. Avaliação/diagnóstico: Ela sabe escrever o nome dela completo, só que quando foi escrever a palavra “dos” ela colocou um B no lugar de D. Ela sabe escrever cursiva e diferencia letras maiúsculas de minúsculas, apresenta um bom

repertório quando escreve, consegue identificar as palavras através do som. Portanto diante das análises a criança se encontra no nível alfabético na escrita.

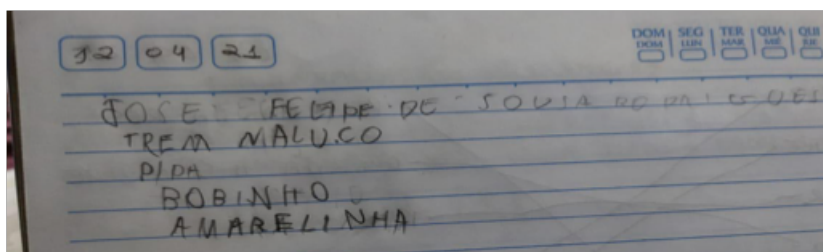
Imagem 1: Escrita da Ana Beatriz.



Fonte: Acervo pessoal

A avaliação da segunda criança ocorreu no dia 12/04, com o aluno José Filipe de Sousa Rodrigues de 7 anos e do 2º ano do ensino fundamental, o aluno consegue escrever, escreveu tudo maiúscula, teve momento em que ficou em dúvida em como se escrevia algumas palavras, em relação a interpretação dos sons teve um pouco de dificuldade, mas diante das análises consideramos o mesmo no nível alfabético.

Imagem 2: Escrita do José Filipe.

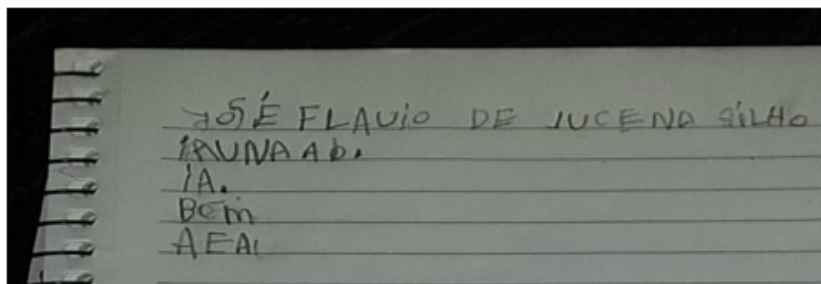


Fonte: Acervo pessoal

A terceira e última criança avaliada foi o José Flávio de Lucena Filho no dia 19/04, o aluno conseguiu escrever seu nome, mas não escreveu corretamente as quatro palavras, o aluno apresenta pouca consciência fonológica, teve bastante dificuldade na atividade, ele usa cada letra para representar uma sílaba ou escreve a sílaba sem um contexto. Ele também colocou várias letras para escrever a palavra “trem” que na teoria é uma palavra curta, monossílaba, ou seja, como o objeto “trem” é enorme, ele

associa o tamanho da palavra ao objeto, portanto a criança se encontra no no nível silábico com valor sonoro.

Imagem 3: Escrita do José Flávio



Fonte: Acervo pessoal

Em seguida, depois de verificado os níveis em relação a escrita dos alunos, sabendo da dificuldade de cada um, começamos a contar histórias infantis para eles, atividades que trabalhasse a oralidade através do reconto das histórias, desenvolvendo a escrita com o desenho, que foi pedido após a história um desenho em que usem a imaginação, criatividade, ficando livre para escolherem o que mais gostaram da história.

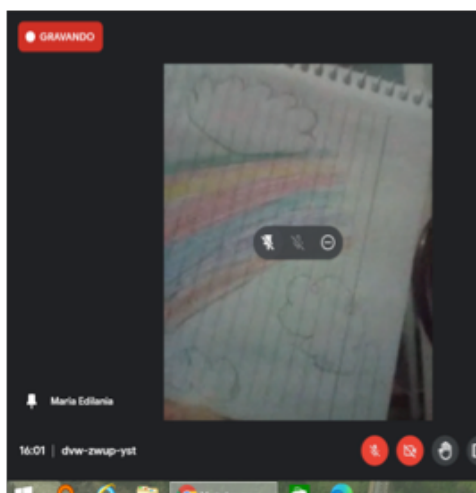
3. RESULTADOS

Percebemos que o projeto tem benefícios que não se restringem aos bolsistas, mas também aos alunos da escola que passam a receber uma melhor qualidade no ensino e ao professor que tem a oportunidade de desenvolver novas habilidades, ganhamos no que diz respeito a formação de qualidade dos futuros professores, a escola ganha, a comunidade ganha novos incentivos para seus filhos permanecerem na escola pública.

Essa sondagem inicial concretizou como ponto de partida, para conhecermos suas necessidades, dificuldades e avanços para planejarmos com base no que as crianças precisam desenvolver e aperfeiçoar. Claro que de acordo com o diagnóstico, precisa focar e trabalhar na fonetização que Emilia ferrero explica que " A fonetização da escrita se inicia quando as crianças começam a buscar uma relação entre o que se escreve e os aspectos sonoros da fala" (Ferreiro, 2017, p. 62). Ou seja, a criança precisa reconhecer essa relação indissociável entre escrita e som para que consiga avançar e entender a importância da escrita para sua vida, não com um simples entendimento das palavras, letra, mas da linguagem e das possibilidades de inventividades e encantamentos.

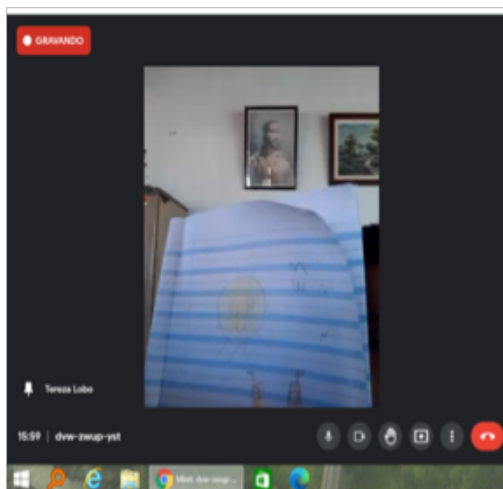
A seguir, têm imagens de algumas das atividades realizadas com as crianças, imagens essas que foram autorizadas através de um termo assinado pelos pais dos mesmos para a pesquisa, onde o aluno se torna o construtor do seu próprio conhecimento, com desenhos, recontação de histórias, trabalhando a oralidade, tornando a sujeito como protagonista, reconhecendo suas experiências e produtora de cultura, na medida em que elas contam histórias que seus avós contavam.

Imagem 4: Desenho da história



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 5: Desenho da história



Fonte: Acervo pessoal

Dar ênfase ao mundo da escrita e da leitura envolvendo aspectos vitais, com a imaginação, a cultura, a história e as relações que abrange a comunidade das crianças, que não estejamos focados nos métodos, nos cronogramas e fichas, na cópia de textos, frases, na circulação de vogais, consoantes, mas em atividades e experiências que mostrem o real significando da escrita para a vida desses pequenos, que abram espaços para as histórias e narrativas das crianças como também insiram uma linguagem viva e explorem situações reais na qual tornem-se protagonista participativa desse processo de aquisição da escrita.

Nessa lógica, a partir das análises dos níveis das três crianças incluídos nessa pesquisa, exige que reconhecemos que essa aquisição da escrita não se desenha de forma linear, mas que diante das dificuldades pode-se caminhar em uma direção que reconhece primeiramente a criança como sendo produtora de cultura e que apesar de não saber corretamente a escrita de uma palavra e/ou frase ela tem essa capacidade de interpretar, recontar as histórias ouvidas, construindo esses saberes que dialogam com a sistema de escrita e as diferentes linguagens.

A partir das observações nas atividades realizadas e pelos relatos das professoras e do professor supervisor Samuel, pudemos concluir que o PIBID tem papel significativo na formação docente, porque permite ao indivíduo em formação vivenciar intensamente a aproximação entre a teoria do curso de graduação e a prática pedagógica, progredir nas compreensões, no senso crítico e no uso das novas abordagens e métodos no ensino na alfabetização.

Ao mesmo tempo, contribui na formação continuada dos professores mostrando-lhes posicionamentos diferenciados para que se alcance a correção das deficiências atuais causadas por um ensino tradicional que impede os avanços que o país tanto precisa no que se refere à educação e à formação docente de qualidade.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 17. Ed. – São Paulo: Cortez, 2017.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro; REGINATO, LaraMoncay. **Estágio supervisionado e PIBID na Formação Docente: experiências que se completam**. OPSIS, Catalão, v.15, n. 1, p. 136-148, 2015